

DE00972014RL/RCMC
Diretor Interino:
Francisco Figueiredo

Semanário Regional
Quinta-feira,
9 de Março de 2023
Ano: 110 | N.º: 5898

GRATUITO

NOTÍCIAS DA COVILHÃ

A dar notícias desde 1913

5. ^a F ☁ 10° 18°	6. ^a F ☁ 9° 19°	Sáb. ☁ 8° 20°	Dom. ☀ 8° 21°
2. ^a F ☀ 7° 21°	3. ^a F ☀ 6° 17°	4. ^a F ☀ 4° 19°	☀ 06:53 h ☀ 18:28 h

OPINIÃO

“Juntos vamos mais longe” por Pedro Seixo Rodrigues
Pág. 19

COVILHÃ

Automotora pendular pode ligar a cidade ao Fundão
Pág. 5

CULTURA

Novo projecto dá a conhecer a cidade-fábrica
Pág. 7

BELMONTE

Município corta a água a 206 dos 1310 devedores
Pág. 15

CICLISMO

Rafael Barbas: o miúdo que já corre com os melhores do mundo
Pág. 20

AS VISTAS DO SENHOR REITOR

Págs. 11 a 14



Ana Ribeiro Rodrigues

ANA RIBEIRO RODRIGUES

DESPORTO

CADERNETA DA ÉTICA DA ADE PREMEIA DESPORTIVISMO

Pág. 21



ANA RIBEIRO RODRIGUES



SERRA DA ESTRELA

→ “É preciso desenvolver uma paisagem em mosaico e inteligente face aos incêndios” Pág. 19

EDITORIAL

*Somos pela escrita livre. Sem acordos. Em bom português.*AOS
LEITORES
DO NC

FRANCISCO FIGUEIREDO
DIRECTOR INTERINO

O nosso compromisso é com o futuro. Com todos os que nos quiserem ler e seguir

É a todos vós que me dirijo. Aos muitos que cá dentro, lá fora, por esse mundo fora, assinaram, folhearam, leram semanalmente a publicação. Também a todos que na cidade, no concelho, na região, deixaram de ter o seu Notícias da Covilhã.

Chamo-me Francisco Figueiredo. E escrevo esta missiva, para vos dizer, que o vosso Notícias, renasce. Completamente renovado. Escrevo mesmo; é outro jornal. Ou pelo menos tentamos que seja, que acompanhe a evolução, que siga os sinais dos novos tempos. Inovando, suscitando debate, provocando sensações, contribuindo para uma melhor informação, para o conhecimento.

Não esquecendo, como é óbvio, todo o lastro deixado ao longo de 110 anos de história, interrompida aqui e ali, neste ou naquele momento, por esta ou aquela razão.

Como foi o caso dos últimos meses. Penosos. Para quem continuou a dedicar-se ao trabalho de publicar notícias, sem olhar a perspectivas de melhores dias, e sobretudo a muitos fiéis assinantes

e leitores, que continuando a despender regularmente um valor monetário para o pagamento do seu jornal, não viam correspondência nem retorno.

Sem notícias, longe do conhecimento. Simplesmente, não recebiam novas da sua terra, notícias da região.

Um corte nas raízes, difícil de suportar. De entender.

Passou-se, é lamentável, mas uma situação a que as novas direcção e administração do Notícias da Covilhã são completamente alheias.

O nosso compromisso é com o futuro.

Com todos os que nos quiserem ler e seguir.

No fundo todos nós, com quem nos comprometemos a informar com isenção, independência e rigor.

Para que todos, aqui na Covilhã, na Cova da Beira, nesta e em outras Beiras, no país e no mundo, tenham acesso à comunicação, à cultura.

A pensar na nossa educação, no desenvolvimento social.

É a vós que peço, olhemos em frente.

Em direcção ao futuro..

OPINIÃO

A PRIMEIRA VIAGEM

de
FRANCISCO FIGUEIREDO

Hoje “dão” neve para a Serra. São os “homens do tempo” que dão. Faça chuva, faça sol. E por aí fora.

O dia está muito frio em Lisboa. Imagino que na Covilhã, para onde viajo pelas oito e pouco da manhã, esteja um pouco mais “agreste”. Vou de comboio. Como tanto gosto. Na transportadora ferroviária nacional. Talvez a empresa pública que pior serviço presta à população do país. Faço parte de um grupo de aficionados da ferrovia, e que a utiliza quotidianamente. Gente que sente que o país precisa de mais e melhores comboios. Habitualmente sou um cliente suburbano.

Para chegar ao Oriente de Lisboa, e tomar o trem rumo à Beira Baixa, foi preciso uma boa dose de paciência. Quando mudei do “comboio da ponte” para os lisboetas da CP, a “coisa” saiu dos eixos. Como é possível que a rede acumule atrasos sucessivos, e crie permanente desconforto e ansiedade aos passageiros. Diariamente. Há anos. Costumo perguntar-me, se os trabalhadores da CP, não sentirão vergonha pelo deficiente serviço que prestam. O contínuo incumprimento de horários, alterna com a rotina do recurso à greve. Mensalmente. Há anos. Um serviço combinado com a Infraestruturas de Portugal, costumeiros parceiros de via, e que em tudo contribuem para o “descarrilamento” dos transportes de carris em Portugal. Seremos dos piores na Europa. Como não perceber, que um país ligado por uma moderna e eficiente rede ferroviária, é um país com visão.

A olhar para o futuro.

Enfim... a minha viagem rumo à Cova da Beira, está a dobrar o cabo da hora, para trás ficaram as ribatejanas Vila Franca de Xira e Santarém, e corre bem. Encarrilada. Vá lá, sem atrasos. Também era melhor que o “intercidades” fosse retardar. Daqui a pouco atraco no Entroncamento. Sem fenómenos, espero. Apenas um cerrado nevoeiro. “Next stop”, como se ouve da voz do maquinista, através da instalação sonora; Abrantes. À hora prevista, mais coisa menos coisa, espero estar na Covilhã para dar “fogo à peça”, ignição, soltar as primeiras faíscas, no novo motor do Notícias da Covilhã, de forma a convidar os leitores a embarcar numa viagem confortável, quente e segura sobre os carris. Sem atrasos ou constrangimentos. Apesar do frio sentido, e da neve prevista para os próximos dias, tão ansiada por quem visita a serra, e por vezes tão incómoda a quem por lá faz vida.

FICHA TÉCNICA

Notícias da Covilhã - Semanário Regional

Director interino: Francisco Figueiredo; Redação: João Alves (C.P.3898), Ana Ribeiro Rodrigues (C.P. 4639);
Paginação: Rui Delgado; Colaboradores: António Pinto Pires, António Rodrigues de Assunção, Assunção Vaz Patto, Carlos Madaleno, Filipe Pinto (foto), José Avelino Gonçalves, Pedro Seixo Rodrigues; Correspondentes: João Cunha (Paul), Maria de Jesus Valente (Erada) e Rui F.L. Delgado (Teixoso); Impressão: FIG- Indústrias Gráficas SA- Rua Adriano Lucas, 3020- 265 Coimbra; Sede do editor (Contabilidade, publicidade, redação e administração) Notícias da Covilhã- Rua Jornal Notícias da Covilhã, 65 r/c; 6201-015 Covilhã; Proprietário: Gold Digger, Lda.; Distribuição: Notícias da Covilhã; N° de registo: 101753; Tiragem: 6 mil exemplares (semana); Telefone: 275 035 378; contactos: geral@noticiasdacovilha.pt, redacao@noticiasdacovilha.pt, comercial@noticiasdacovilha.pt

PUBLICIDADE

CEDO QUARTO DE CASAL

Com casa de banho privativa, serventia de toda a casa, escritório, sala comum, cozinha, garagem. Com todas as comodidades. **Telm. 920 114 857**

COVILHÃ

SERRA “PRECISA” DE BOLSAS DE ESTACIONAMENTO

ANA RIBEIRO RODRIGUES

A grande afluência de veículos nos últimos fins-de-semana ao planalto superior da Serra da Estrela tem gerado preocupação com a segurança das pessoas e o presidente da Câmara da Covilhã, Vítor Pereira, defende que se encontrem soluções como bolsas de estacionamento no percurso entre a Torre e a cidade, avertando também a possibilidade de ter telecabinas e veículos de lagartas.

O autarca salientou sempre ter deixado

bem claro junto das entidades competentes, de forma “contundente, directa e objectiva”, que declina qualquer responsabilidade, enquanto responsável máximo pela Protecção Civil no concelho, se acontecer um acidente grave, por entender que “ninguém no nosso território está apto a socorrer pessoas” num cenário de gravidade.

Vítor Pereira deu o exemplo de uma situação de emergência acontecer num dia de nevoeiro, em que “nem um helicóptero lá vai”.

O presidente do município afirmou ter colocado, ao longo dos anos, às entidades competentes “na área do ambiente”, a questão de criar as várias bolsas de estacionamento, mas acrescentou ter “esbarrado sempre com os habituais extremismos”, que nota agora estarem “mais ténues”.

O assunto foi introduzido na reunião pública do executivo, na segunda-feira, 27, por Pedro Farromba, vereador da coligação CDS/PSD/IL, alertando para as longas filas de veículos, para o trânsito bloqueado nos dois sentidos e para a dificuldade do

socorro “se algum dia há ali uma emergência”, preconizando a criação de bolsas de estacionamento nos Piornos e na Lagoa Comprida, para reduzir a pressão na zona mais alta da Serra da Estrela.

Pedro Farromba salientou gostar de ver a montanha com muita procura, também pela importância para a economia local, mas frisou que quem se deslocou à Serra da Estrela no último fim-de-semana, e “demorou duas ou três horas a chegar lá acima”, onde não havia onde parar, “não foi daqui com uma boa imagem”.



Afluência de viaturas nos últimos fins-de-semana geram preocupação com a segurança das pessoas em caso de emergência

Ana Ribeiro Rodrigues

Longas filas de trânsito chegam a bloquear estrada nos dois sentidos dificultando o socorro em caso de emergência

COVILHÃ

LUTA CONTRA AS PORTAGENS CHEGA A LISBOA



Grupo que defende reposição das Scut's nas duas auto-estradas que servem o Interior acusa o Governo de propor "migalhas". Por isso, manifestação de Fevereiro, que tinha sido anulada, regressa no mês de Maio à capital

Plataforma que defende reposição das Scuts já agendou diversas acções de protesto para Março, Abril e Maio

"Ou lutam e podem ter resultados, ou não lutam e terão as migalhas que o Governo lhes quiser dar". É este o apelo deixado pelo porta-voz da Plataforma P'la Reposição das Scut na A23 e A25, Luís Garra, às populações, para que participe, a 20 de Maio, numa manifestação de contestação às portagens no Interior.

A Plataforma tinha agendado um protesto para 25 de Fevereiro, que acabou por ser anulado após o Ministro das Infraestruturas, João Galamba, ter aceite reunir com a estrutura, mas após análise aos resultados desse encontro, o conselho geral da Plataforma decidiu reagendar novo protesto e, segundo Luís Garra, está "nas mãos" da população mudar o estado de coisas. Porque, segundo ele, o que o Governo propõe "são absolutamente migalhas".

Segundo Luís Garra, porta-voz da estrutura que agrega várias entidades de luta contra as portagens, a reunião realizada no passado dia 24 de Fevereiro "defraudou todas as expectativas" e o Governo não se comprometeu com a abolição das portagens, "nem sequer até ao fim da legislatura". Segundo Luís Garra, João Galamba apenas mostrou disponibilidade para propor

ao grupo de trabalho intergovernamental uma actualização em 20 por cento do desconto aplicado em 2021, na sequência de uma resolução da Assembleia da República.

A deliberação de então previa a aplicação de um desconto de 50 por cento, mas a Plataforma sempre disse que o desconto ficou nos 30, sendo que agora, segundo essa estrutura, o Governo estaria disponível para corrigir a situação, aplicando os 20 por cento em falta, mas ficando muito longe da abolição. "O que o Governo fez foi criar um número mediático", apontou Luís Garra, referindo-se às declarações que os governantes têm feito sobre a matéria e reiterando que o fim dos pagamentos é "urgente" e "necessário". Por outro lado, também revelou que o Governo pediu àquela entidade contributos relativamente à mobilidade no Interior, mas para as sugestões apresentadas receberam respostas como "vamos ver", "vamos estudar" e "depende".

Neste quadro, a Plataforma decidiu reagendar para 20 de Maio a acção em Lisboa e avisa já que, apesar de não fechar a porta ao diálogo, desta vez, não aceitará reuniões com o Governo

A 23

A A23, também identificada por Auto-estrada da Beira Interior, liga a Guarda a Torres Novas (A1), num total de 177,8 quilómetros.

A25

A A25 (Auto-estrada Beiras Litoral e Alta) assegura a ligação entre Aveiro e a fronteira de Vilar Formoso, num total de 199 quilómetros.

que não sejam agendadas, pelo menos, até dez dias antes da manifestação e com conhecimento prévio da solução apontada pelo Governo.

Além disso, nos meses de Março e Abril vão ser realizadas sessões públicas de esclarecimento e debate em vários concelhos da Beira Interior, cujo calendário será divulgado oportunamente.

De 1 a 13 de Maio também serão realizadas acções diversificadas em várias localidades e garantidamente na Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Guarda e Seia.

A Plataforma P'la Reposição das Scut nas autoestradas A23 e A25 integra sete entidades dos distritos de Castelo Branco e da Guarda -- a Associação Empresarial da Beira Baixa, a União de Sindicatos de Castelo Branco, a Comissão de Utentes Contra as Portagens na A23, o Movimento de Empresários pela Subsistência pelo Interior, a Associação Empresarial da Região da Guarda, a Comissão de Utentes da A25 e a União de Sindicatos da Guarda. Além destas, há várias outras entidades que estão representadas no conselho geral, que é um órgão consultivo.

João Alves com Lusa

COVILHÃ

AUTOMOTORA PENDULAR ENTRE COVILHÃ E FUNDÃO

O Governo tenciona criar um serviço pendular ferroviário entre a Covilhã e o Fundão, a partir do “meio do próximo ano”, compatível com os horários de trabalho e escolares, a funcionar numa automotora que passa a circular nos intervalos dos comboios regionais e intercitys.

O anúncio foi feito na última reunião pública do executivo, dia 27, pelo presidente da Câmara da Covilhã, Vítor Pereira.

O autarca informou tratar-se de uma experiência-piloto, com o intuito

de perceber como funciona, para posteriormente o serviço ser alargado ao eixo Guarda-Belmonte-Covilhã-Fundão-Castelo Branco.

Vítor Pereira referiu ter-se reunido, juntamente com o presidente da Câmara do Fundão, Paulo Fernandes, com o secretário de Estado das Infra-estruturas, Frederico Francisco, que “acolheu a sugestão” dos dois autarcas.

Entretanto, acrescentou, é necessário “fazer alguns estudos prévios” antes de a experiência-piloto avançar.

Serviço de comboios com horários adaptados vai funcionar como experiência-piloto.



ANA RIBEIRO RODRIGUES

COVA DA BEIRA QUER “ENCURTAR DISTÂNCIAS” NA FERROVIA



ANA RIBEIRO RODRIGUES

Encurtar as distâncias nas viagens de comboio entre a Beira Interior e Lisboa é uma prioridade para os presidentes da Câmara da Covilhã, Vítor Pereira, e do Fundão, Paulo Fernandes, que estiveram reunidos com o secretário de Estado das Infra-estruturas, Frederico Francisco, e apresentaram sugestões para o Plano Ferroviário Nacional. A renovação do traçado da Linha da Beira Baixa foi uma das hipóteses apontadas. Apesar da remodelação do troço entre a Covilhã e a Guarda, “o resto da linha continua desfasada daquilo que são as necessidades” e que passam por ter “melhor material circulante”, “que nos

propicie viagens cómodas, seguras, encurtando distâncias”, salientou Vítor Pereira, durante a reunião pública do executivo de dia 27.

A alta velocidade foi outra das possibilidades avançadas pelos dois autarcas ao Governo, pedindo que o país seja dotado de uma linha que ligue a Beira Alta, na Guarda, passando pela Covilhã, Fundão, em direcção a Penamacor, para fazer a ligação a Placência, “onde o Plano Ferroviário Espanhol já prevê ligação em alta velocidade”, referiu o presidente da edilidade covilhanense. Para Vítor Pereira, na alta velocidade “continuamos a marcar passo” e é

necessário “que se avance”.

O presidente da Câmara Municipal da Covilhã vincou ser imperativo encurtar a distância de 2:45 de ferrovia para Lisboa, uma decisão “inevitável” para “o desenvolvimento para a nossa coesão territorial”.

Segundo Vítor Pereira, as duas alternativas para o encurtamento do tempo de viagem apontadas foram acompanhadas da indicação para “o faseamento e soluções de financiamento para as obras necessárias à renovação do traçado da Linha da Beira Baixa”.

Ana Ribeiro Rodrigues

Autarcas sugeriram ao Governo melhorar o material circulante ou apostar na alta velocidade, com ligação entre a Guarda e Placência.

EDUCAÇÃO



1



2



3

1. Maria Branco.
2. Alexandre Fonseca.
3. Matilde Almeida

OS JOVENS E O MUNDO DA INFORMAÇÃO

Como é a relação dos jovens com o mundo das notícias?
O NC foi tentar perceber a dinâmica entre as camadas mais jovens e o jornalismo.

CAROLINA BICHO FERNANDES
(jornalista estagiária)

Tem-se assistido, nos últimos anos, a um declínio dos jornais impressos. A facilidade e instantaneidade em aceder às notícias através de meios digitais tem sido um factor importante na hora de se estar informado.

É o caso de Matilde Almeida e Maria Branco, ambas com 17 anos e estudantes da Escola Secundária Quinta das Palmeiras. As duas jovens admitem que, embora não sejam consumidoras de jornais em papel, costumam informar-se através da televisão e pelas redes sociais.

A facilidade em aceder às notícias dessa forma é uma das vantagens que destacam. Matilde acredita que, apesar de se informar maioritariamente através de meios digitais, tem de ter maior atenção no conteúdo que escolhe ver, devido à vasta informação difundida que pode levar às fake news. “Cada vez mais se torna difícil obter informação fidedigna”, considera. “Há imensa informação e é preciso filtrá-la”, acrescenta.

A mesma opinião é partilhada pela colega Maria, que por vezes se depara com os chamados “clickbaits”, expressão utilizada para referir

títulos enganosos de modo a gerar cliques nos sites. “Por vezes não tenho a notícia de que estava à espera, porque vejo muitas vezes títulos que não correspondem ao conteúdo da notícia”, refere. Quanto ao tipo de notícias, Matilde revela que embora consuma de tudo um pouco, o desporto é o que mais procura. Já para Maria, a cultura é a área que mais interessa, contudo, não rejeita outros temas da actualidade.

A relação de Alexandre Fonseca com o jornalismo é “praticamente diária”, diz o jovem de 25 anos, consultor numa empresa de tecnologias de informação.

Alexandre afirma que tenta sempre ver as notícias ao final do dia, através de vários meios de comunicação social com presença online, acabando por ser pouca a interacção com os jornais em papel.

“Na maioria dos dias acabo por utilizar apenas a versão online [dos jornais], num deles, em particular, tenho subscrição, então é simples ler a edição desse dia”, admite.

O jovem aponta várias razões para essa decisão, entre elas, o facto de ser mais barato ter uma subscrição anual online do que impressa; a facilidade de acesso ao não ter de se dirigir a um estabelecimento para adquirir o jornal

“

Cada vez se torna mais difícil obter informação fidedigna”

e a possibilidade de acompanhar, ao minuto, determinados acontecimentos de última hora. Nesta última, destaca a possibilidade de erro, pois num jornal físico as matérias abordadas já estão mais desenvolvidas.

“Se existir alguma informação adicional, quer seja uma edição de colecionador, algum suplemento que venha no jornal e que não seja possível ter na versão online ou, mesmo que o seja, prefira ter na versão física, como uma revista, um livro, irei comprar”, diz Alexandre, não descartando a possibilidade de compra de jornais físicos.

Segundo o relatório da Reuters Institute, o Digital News Report, publicado no ano de 2022, em sete anos (2015-2022), os jornais em papel tiveram um decréscimo de 25 % como fonte de informação em Portugal, ao contrário dos meios digitais, em crescimento. A relação dos jovens com o mundo da informação passa essencialmente pelos sites online, levando a que a imprensa em papel fique cada vez mais em desuso com o passar das gerações.

CULTURA

CULTURA E NATUREZA DE MÃOS DADAS



ANA RIBEIRO RODRIGUES

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Foram a fonte de energia indispensável ao desenvolvimento da indústria de lanifícios e serão, no futuro, mais um fio para desfiar a história da cidade-fábrica: as ribeiras da Carpinteira e da Goldra, enquanto se percorrem os dois vales, destacando os pontos de interesse ao longo do percurso pedestre.

É essa a intenção da Câmara da Covilhã com o projecto “História Entre Ribeiras”. A candidatura ao programa “Regenerar Territórios”, do Turismo de Portugal, foi submetida e tem um valor de cerca de 400 mil euros, comparticipados em 85 %, explica ao NC o vereador com o pelouro do Turismo, José Miguel Oliveira.

O percurso, circular, tem início na zona das Poldras, junto à antiga Adega da Covilhã, segue em direcção ao vale da Carpinteira, onde um dos pontos de interesse a visitar é o

“História Entre Ribeiras” vai fazer a ligação entre os vales da Carpinteira e da Goldra, através de um percurso pedestre.

New Hand Lab, passa pelas muitas antigas fábricas de lanifícios e prossegue para o vale da Goldra, que tem como espaço a visitar de referência os dois núcleos do Museu de Lanifícios.

Pelo caminho, há leitores de paisagem estáticos e também a possibilidade de recurso a uma aplicação digital onde os visitantes podem ver, em realidade aumentada, a recriação de aspectos, figuras, ofícios e o quotidiano de outras épocas, vinca o vereador, salientando tratar-se de “um projecto muito eclético”. Além das componentes histórica e cultural, o traçado contempla também “uma vertente de lazer”, com a ligação dos dois vales ao Parque da Floresta.

“Estou convencido de que este projecto irá ser estruturante, potenciando e criando a oferta turística a nível do concelho e tornado aqueles dois vales muito mais visitáveis do que actualmente são”, refere José Miguel Oliveira. O autarca enfatiza a ligação entre os dois polos de turismo e culturais, como são o New Hand Lab

e o Museu de Lanifícios, “dando aqui o impulso para o turismo industrial que queremos potenciar”, ao mesmo tempo que, em lazer, se exploram as paisagens naturais.

Na reunião pública da Câmara da Covilhã, dia 27, foi ratificada a aprovação do projecto de arquitectura e a despesa correspondente, de 123 mil euros, segundo Pedro Faromba, da coligação CDS/PSD/IL, que, depois de pedir e obter explicações sobre o ponto em discussão, congratulou-se com o avanço da atenção dada a uma zona que considera “estruturante”.

A intervenção prevê a recuperação de alguns estendouros de lãs, a possibilidade de serem feitas intervenções artísticas, no âmbito da Covilhã Cidade Criativa em Design, e a recuperação de pontões existentes.

A data-limite para a execução do projecto, caso venha a ser aprovado, é Junho de 2015, mas o vereador com o pelouro adianta a intenção do município em querer ter “tudo pronto até ao final de Dezembro de 2024”.

PUBLICIDADE

★
DESTINO
GASTRONÓMICO DO ANO
Guarda



PRÉMIOS

**Os Melhores
do Ano 2022**

26ª EDIÇÃO

REVISTA DE
VINHOS
A ESSÊNCIA DO VINHO



OPINIÃO

O PÁRA ARRANCA DOS NOSSOS COMBOIOS NA LINHA DA BEIRA BAIXA

**A. PINTO
PIRES**
PROFESSOR



O Plano Ferroviário Nacional (PFN) não acrescentou nada de novo ao que já se esperava relativamente à Linha da Beira Baixa (LBB).

Frederico Francisco, o principal autor do documento, recentemente empossado como Secretário de Estado das Infraestruturas, quando esteve na Covilhã em Outubro passado, num encontro onde ambos participámos, foi claro e peremptório no pouco que PFN tinha para oferecer, no caso da LBB.

Provavelmente, em jeito ou modo de apaziguamento, falou-se da tal “cerejinha” sobre o bolo, a remodelação e abertura do troço Covilhã/ Guarda, que para os entendidos e entusiastas, ficou aquém do esperado. Uma renovação que se circunscreveu ao traçado do século XIX, sem sofrer qualquer correção do mesmo, e onde as velocidades não excedem os 90 kmh. Para o século XXI, e se compararmos com a Europa aqui ao lado, mais uma vez ficamos na cauda.

Sendo esta a realidade que temos, referindo-me ao eixo Guarda – Covilhã – Fundão – Castelo Branco, é imperiosa a união destas urbes, e procurar tirar o maior partido dos seguintes aspectos, ou outros, como é óbvio.

Os autarcas da Covilhã e Fundão acordaram e bem, para a premência que surge com décadas de atraso, ao exigir circulações cadenciadas e conducentes com as necessidades das populações, horários adequados ao mundo do trabalho e estudantil, e até comercial, como sucedia no passado, em que o comboio era o modo de transporte dominante, e se coordenava com a camionagem, donde derivaram os serviços combinados, como ainda se pode constatar na toponímia das estações, Barracão/Sabugal, Belmonte/Manteigas, Fatela/Penamacor.

Pedro Nuno Santos abordou a mesma questão em devido tempo, e na região alertou para a necessidade de haver um entendimento com a camionagem, sublinhando um outro aspecto bem importante: o da pegada ecológica, atribuindo o devido ênfase ao comboio e a sua relação com o ambiente.

Porém, não tem sido essa a realidade a que se tem vindo a assistir. Basta citar o resultado do confinamento decorrente do covid-19, ao serem



suprimidos os comboios internacionais Lusitânia e Sud-Expresso. Em face do não regresso dos mesmos, pela inépcia das operadoras ou alheamento dos governos de Espanha e Portugal, ou outros interesses ocultos, o aumento exponencial dos autocarros internacionais a operar na região tem sido brutal. Em certos casos, como já tive oportunidade de constatar, na qualidade de utilizador, em condições muito pouco desejáveis.

Para referir ainda que a operacionalidade dos comboios, e reconhecendo a justeza das reivindicações dos autarcas mencionados, ter ainda em linha de conta a possibilidade de se contemplarem novas paragens, como poderia ser o caso do Canhoso/Teixoso, ou das construções de novos ramais para mercadorias, matéria para outra abordagem. Voltando ao PFN, não é, como todos sabemos, o momento para cruzar os braços, e com a aproximação do programa 20/30, estudar a questão da retificação possível de alguns traçados, como poderia ser o caso de repensar a travessia da Gardunha em novo túnel, e encarar seriamente o troço Ródão/Belver. Ao longo do rio Tejo, que reclama um traçado fortemente corrigido no canal onde se encontra, cortando muitas das curvas existentes, assim como recorrer à

implementação de túneis-cegos ou em pala, para fazer face a possíveis deslizamentos que não afectariam a infra-estrutura e circulação de comboios, consequentemente permitindo ainda melhores condições de segurança e significativos ganhos de tempo no percurso. Tudo somado, o percurso Covilhã – Lisboa poderia ser beneficiado em menos uma hora.

São investimentos avultados, é certo, mas se tivermos em linha de conta o futuro, a LBB deverá ser conferida a uma categoria de 1ª classe com todos estes melhoramentos, sem esquecer ainda a requalificação da catenária existente, que não permite circulações superiores a 120 kmh, pelas suas características, o que se torna caricato.

E já que falamos em qualidade, e na expectativa de uma melhor exploração dos comboios Intercidades, não faz qualquer sentido que os mesmos passem à categoria de regional, no percurso Covilhã/Guarda, onde as plataformas das gares não estão adaptadas ao tamanho das referidas composições, para que as referidas paragens se façam nas devidas condições de segurança. Um autêntico quebra cabeças para os maquinistas e revisores. Falamos de Intercidades ou regionais? Até que um dia...

REGIÃO

SOBRAL DE SÃO MIGUEL EM PROJECTO EUROPEU

Smallable envolve jovens de cinco países

A freguesia de Sobral de São Miguel, na Covilhã, é palco, esta semana, da apresentação e arranque do projecto “Smallable”, financiado pela Comissão Europeia, e que envolve oito parceiros entre autarquias e associações de desenvolvimento de cinco países europeus: Portugal, Espanha, Croácia, Hungria e Itália.

Segundo os promotores, o projecto pretende “promover o diálogo entre as autarquias e os cidadãos, com particular enfoque nos jovens, para que possam reflectir em conjunto novas oportunidades de revitalização destes territórios através de metodologias e projectos participativos”.

Haverá laboratórios residenciais, que

envolverão a comunidade, para identificar problemas, reconhecer recursos e potencialidades locais, bem como identificar aspirações e expectativas dos habitantes.

Num segundo momento serão realizadas oficinas residenciais com cerca de 15 jovens de cada país que trabalharão juntos e com especialistas para projectarem novas oportunidades e caminhos de desenvolvimento para os seus territórios. Esta semana, no Sobral, Aldeia do Xisto do concelho da Covilhã, cada parceiro irá apresentar o seu território, destacando pontos fortes e fraquezas, iniciando um diálogo sobre participação e oportunidades de desenvolvimento com alguns especialistas.



Sobral de São Miguel no arranque de projecto europeu de desenvolvimento



Desde Abril de 2022 que não é possível circular, desde a Guarda à Pampilhosa, pela Linha da Beira Alta

GUARDA QUER LINHA DA BEIRA ALTA ATÉ NOVEMBRO

Obras na Linha da Beira Alta concluídas até Novembro e uma rede ferroviária de alta velocidade que passe pela Guarda. Foram estas as exigências deixadas na passada semana pela Assembleia Municipal da Guarda, aprovadas por unanimidade numa moção intitulada “Pela ferrovia da Guarda a curto e longo prazo”, apresentada pelo deputado do Movimento pela Guarda (PG), José Carlos Lopes.

No documento, é lembrado que a 17 de Novembro de 2022 foi apresentado o Plano Ferroviário Nacional (PFN) pelo Governo e que terminou na passada semana o período de consulta pública do mesmo. Por outro lado, também se refere que o PFN contém algumas

propostas “que podem ser dúbias ou lesivas para a Guarda”, nomeadamente “a não existência de uma paragem na Guarda na futura Linha de Alta Velocidade Aveiro - Vilar Formoso” e “a não passagem” de uma RTE-T (Rede Transeuropeia de Transportes Ferroviária de Alta Velocidade).

A moção pretende, por isso, “exigir, junto do Ministério das Infra-estruturas, a conclusão das obras da Linha da Beira Alta até Novembro deste ano e, consequentemente, o retomar do seu regular funcionamento até ao final do ano de 2023, dado o impacto negativo que os atrasos nesta obra têm acarretado para o transporte de passageiros e para o início da actividade do ‘Porto Seco’ da Guarda”.

ENTREVISTA / Mário Raposo

“ESTAMOS AO NÍVEL DAS MELHORES UNIVERSIDADES”

O reitor da Universidade da Beira Interior (UBI), Mário Raposo, salienta que com o financiamento “justo” a instituição poderia ir além do que já faz, acredita que a região teria a ganhar com a união das instituições de ensino superior, continua a ambicionar o curso de Direito, destaca as parcerias com empresas e organismos em vários sectores de actividade e garante não ter vocação para a política e estar fora de questão uma eventual candidatura autárquica

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Notícias da Covilhã - Disse recentemente que, se o sub-financiamento for corrigido, em cinco anos transformará a UBI na melhor universidade do país. Em que indicadores se baseia para fazer essa afirmação?

Mário Raposo - Nós temos um financiamento crónico desde 2009 comprovado pelo relatório da OCDE, onde se demonstra que a UBI foi a universidade menos financiada por aluno per capita ao longo destes 12 anos. Apesar disso, a UBI cumpriu perfeitamente o seu papel de um ensino de excelência, mantivemos um bom serviço aos alunos, melhorou as instalações e, na investigação, conseguimos estar ao nível das melhores universidades portuguesas. Com menos dinheiro, nós temos todos estes indicadores. Portanto, se nós tivéssemos o financiamento que nos é devido, comportaria um salto maior nestes indicadores e não tenho dúvidas de que a UBI será transformada em cinco anos. Maior financiamento permitiria à UBI investir em mais recursos humanos, em mais equipamentos para os laboratórios, em mais parcerias internacionais, na contratação de mais professores, de mais investigadores e tudo iria aumentar os nossos resultados. Portanto, com toda a certeza, se a correção fosse feita para o valor que deveria ter sido, são muitos milhões a mais, não tenho dúvidas que a UBI se transformaria na melhor universidade portuguesa nos próximos anos, qualquer que fosse o indicador.

Em que é que o sub-financiamento ao longo destes anos, que representa menos 70 milhões de euros, se traduz actualmente, em concreto, no quotidiano da instituição?

A UBI tem sobrevivido ao longo destes anos com um bocado de engenho, com o esforço dos nossos recursos humanos, com a captação de recursos extra, como projetos

financiados, com a prestação de serviços às empresas, mas tudo se faz com menos pessoas do que nas outras universidades e só assim é que é possível. Depois, em algumas áreas, nós temos de abrir mais quadro de pessoas auxiliares. Estamos a recorrer muito à figura de professores convidados, que não fazem parte da carreira, e nós queremos dar estabilidade às pessoas. Com o financiamento justo e necessário, contribuiria imediatamente para reforçar o corpo docente, o corpo de investigadores, para melhorar as nossas capacidades a nível laboratorial, também as nossas relações internacionais. Se até aqui nós já conseguimos com o que temos, seria uma alavanca de crescimento extraordinária. Nós estamos acima da média das outras universidades, apesar do sub-financiamento, fruto do grande esforço da nossa comunidade académica.

Mas também com prejuízo?

Prejuízo é a universidade no global que tem. Claro que quem está cá faz muito mais do que fazem as outras pessoas nas outras universidades. Só com grande esforço, empenho e dedicação de todos é que se consegue. As pessoas trabalham por um objetivo comum, que é prestar um ensino de qualidade. Se por vezes internamente causa problemas? Por vezes causa uma certa insatisfação nas pessoas.



ANA RIBEIRO RODRIGUES

O reforço de 1%, este ano, o que representou na prática, o que permite fazer?

Traduziu-se no reforço de 1,4 milhões de euros e estamos a abrir mais concursos para professores, a renovar instalações e a inflação está a comer uma parte desse valor.

“

[Sem sub-financiamento] não tenho dúvidas que a UBI se transformaria na melhor universidade portuguesa”

ENTREVISTA / Mário Raposo



ANA RIBEIRO RODRIGUES



A verba da tutela não chega sequer para pagar salários e continua a não chegar.”

Continua a ser insuficiente para as despesas correntes?

A verba da tutela não chega sequer para pagar salários e continua a não chegar. Temos de ir buscar dinheiro às receitas próprias que vêm das propinas dos alunos, das prestações de serviços da universidade e da percentagem dos projectos que fica na UBI.

Qual a importância do alargamento da Faculdade de Ciências da Saúde (FCS) e quando prevê que venha a ser uma realidade?

O alargamento da FCS será sempre a médio prazo, porque depende da inscrição da verba nos fundos regionais do PT 2030 e depois é necessário desenvolver o projecto, construir o edifício. O objectivo do alargamento é continuar a melhorar o ensino, mas também o serviço de saúde. Se há uma aposta em metodologias inovadoras de ensino e na área da saúde, o resultado final é que os nossos médicos irão ser profissionais capazes de prestar melhores serviços às populações. O que se pretende é que a FCS seja dotada de novas técnicas na robotização, biotecnologia ligada à saúde, biomateriais, áreas novas, inovadoras, fundamentais para que o aluno de Medicina, quando termina a sua formação, tenha competências em novas áreas que permitam melhorar a saúde aos cidadãos, mas, simultaneamente, os hospitais venham a beneficiar desses equipamentos.

Acredita que até 2030 possa estar concretizado?

Se as verbas e o projecto que nós estamos a apresentar à tutela for aprovado, até 2030 estará pronto. Estará em funcionamento.

O curso de Direito continua a ser uma ambição? Em que pé está o processo?

O curso de Direito é uma ambição, mas o desenvolvimento de novos cursos implica que tenhamos um corpo docente altamente qualificado. Na área do Direito não é fácil atrair pessoas qualificadas, têm de ser doutorados, para o curso ser acreditado. Se não avançamos é porque ainda não conseguimos reunir esse grupo de especialistas qualificados necessários para dar um curso de qualidade. A UBI tem standards de exigência de qualidade, senão não avançamos. Se eventualmente conseguimos reunir esse corpo docente qualificado e as pessoas estiverem dispostas a colaborar connosco, avançaremos com o projecto. Se não for possível, vamos atrasar essa ideia. Estamos a trabalhar internamente para encontrar esses meios. Tenho de reconhecer que há uma oferta bastante grande do curso de Direito e, para ter mais um curso, tinha de ser um curso com standard de elevada qualidade, para competir com os outros que estão no mercado.

Há residências fechadas para obras e a Cantina de Santo António, que tem provocado constrangimentos nas outras, quando reabre?

A cantina de Santo António foi desactivada porque não estava em condições. Era a cantina mais antiga da universidade. Neste momento, estamos em processo de reconversão completa do espaço. Em princípio, em Setembro, Outubro, esperamos ter concluído o processo. A cantina teve de ser completamente remodelada, estava incapaz de ser reaproveitada e vai ser reconstruída. Em princípio [estará pronta] no início do próximo ano lectivo, mas, na construção civil, a gente faz projectos e depois os concursos, às vezes, ficam desertos.

A UBI foi alvo de um ataque informático em Outubro. A esta distância, quais são as consequências mensuráveis?

Fomos surpreendidos e, quando alguém detectou o ataque informático, imediatamente os sistemas foram todos desligados, o que impediu que fosse mais grave. Foi um processo bastante complexo, na medida em que foi um ataque através de um ficheiro que se multiplicava em outros computadores e encriptava todas as informações no computador. A análise forense permitiu determinar que tínhamos cerca de 450 máquinas infectadas, tiveram de ser recuperadas uma a uma e o ficheiro é impossível de recuperar. Houve um pedido de verba para descriptar e nós, obviamente, não pagámos. A UBI perdeu alguma informação. Temos muitos `backups` e muita informação foi recuperada. A situação mais grave ocorreu nos Serviços de Ação Social, onde perdemos a informação contabilística do ano 2022. Está a ser recuperada manualmente. Houve máquinas que ficaram completamente encriptados e nunca mais poderão funcionar, mas os sistemas foram sendo reactivados. Há vários programas que fazem a gestão de diferentes assuntos, o ataque cortou as ligações entre todos os programas e foi necessário reconstruir as pontes, um a um. Na UBI não perdemos grande informação relevante internamente, mas há docentes que perderam dez anos de investigação, porque nos laboratórios os computadores nunca estão desligados, as experiências continuam à distância.

Que medidas foram tomadas?

Quanto mais acessos permitimos, aumenta a possibilidade de abrir um buraco na `firewall`. Foram tomadas medidas nesse sentido e as pessoas queixam-se que não conseguem abrir programas. Se formos permitir que tenham acesso a ficheiros que vêm com determinado código, entendemos que pode ser malicioso e automaticamente o sistema não deixa aceder. Às vezes ligam a dizer que têm de ter acesso a isto aquilo e têm de ter a sensibilidade de perceber que podemos estar a abrir mais uma porta. Foi muito complicado lidar com isto. Não estamos livres de voltar a acontecer e os `backups` foram multiplicados, mas, obviamente, ninguém está preparado para um ataque deste género.

Na altura falou-se num pedido de resgate. Qual era o valor?

O resgate era um milhão de euros e nem sequer se pôs essa hipótese de pagar. Imediatamente avançamos para a solução de recuperação do que era possível. Não é possível ceder a este tipo de chantagens.



O resgate era um milhão de euros e nem sequer se pôs essa hipótese de pagar.”

ENTREVISTA / Mário Raposo



ANA RIBEIRO RODRIGUES

“

[União de Instituições de Ensino Superior] Se os outros se entendem, não sei por que é que em Portugal as pessoas não haviam de se entender”

“

[UNITA] permitiu partilhar e trabalhar recursos em comum.”

PERFIL

Nascido, criado e residente no Tortosendo há 63 anos, vindo de uma família humilde, como fez questão de dizer na tomada de posse e repetir em outras ocasiões, Mário Raposo é o primeiro reitor também aluno da UBI. O professor catedrático fez o bacharel em Contabilidade e Administração pelo então Instituto Universitário da Beira Interior, licenciou-se em Gestão, a mesma área em que se doutorou e, depois de ter acompanhado as equipas reitorais de Passos Morgado, Santos Silva e António Fidalgo, tomou posse em 2021.

Há 40 anos professor na instituição, trabalhou antes como contabilista em várias empresas da região, enquanto estudava à noite.

Casado, com dois filhos, Mário Raposo tem como passatempos a leitura e o estudo dos fenómenos meteorológicos, área que o fascina desde que, em criança, amanhecia com a Serra da Estrela coberta de neve e ganhou a curiosidade de saber por que neva, chove, faz frio ou calor.

Qual a importância prática da integração na rede de universidades UNITA?

Esta aliança permitiu partilhar e trabalhar recursos em comum. Por exemplo, em Saragoça têm o melhor Centro Ibérico de Microscopia Electrónica e nós temos isso à disposição dos nossos investigadores. Os alunos podem circular entre as instituições, estamos a caminhar para a criação de microcréditos, estágios internacionais com o objectivo de os reforçar. Em termos financeiros, não dá lucro. Dá é outros resultados.

O presidente da comissão de avaliação do ensino superior alertou recentemente para uma quebra, até 2035, de jovens entre os 18 e os 29 anos, prevendo a fusão ou fecho de instituições. Esse pode ser o mote para se voltar a falar da possível integração de politécnicos na universidade?

Tudo isto depende daquilo que a tutela pretender para o país e as instituições têm de estar preparadas para aquilo que os políticos decidem. Naquela altura houve algumas conversas e reuniões nesse contexto, foi considerado pela tutela que não seria vantajoso. As conversas ficaram por aí. Agora o estudo revela aquilo que nós já sabíamos, que há uma realidade demográfica em Portugal muito complexa e uma grande diminuição de alunos no ensino superior. Se o objetivo é ter um país mais coeso, ter mais gente no Interior, não deve reduzir, mas aumentar o número de alunos no Interior, e só se consegue se no litoral houver uma contenção das vagas e existir um aumento das vagas no Interior. Quanto a futuras fusões, fica reservado para os políticos e para a tutela, porque as instituições fazem o que o país entender que deve fazer.

Em seu entender faria sentido a união das três instituições da Beira Interior?

Politicamente não é fácil de responder, porque isso merece reflexão e só se faz quando houver uma conjugação de interesses comuns e todos estiverem de acordo.

A região teria a ganhar com isso?

Em Espanha há universidades com vários polos. Vou dar o exemplo de Castilla La Mancha, que tem quatro polos: Toledo, Cuenca, Albacete e Cidade Real. A Universidade da Extremadura tem polos em Badajoz, Cáceres, Placência e Mérida e funciona. Com isto acho que digo tudo. Se os outros se entendem, não sei por que é que em

Portugal as pessoas não haviam de se entender. Agora, é preciso é vontade política para fazer isto e alguém determinar que tem de se fazer.

Está satisfeito com o patamar atingido de transferência de conhecimento da UBI para a sociedade e para o tecido empresarial?

Nós nunca podemos estar satisfeitos com aquilo que temos, porque senão paramos, e queremos sempre mais, mas necessitamos de recursos. A UBI tem parcerias com empresas e entidades de todos os sectores que querem colaborar connosco, envolve-se em estudos. É fundamental ter como missão, além de ensinar e investigar, tentar que esse conhecimento chegue à sociedade, através da inovação.

E o contrário? Os agentes da região têm sabido tirar proveito da UBI, procuram essa interacção?

Depende das áreas. Aqueles sectores que são mais dinâmicos e que necessitam de conhecimento têm-nos procurado. Outros setores menos inovadores têm maior dificuldade em perceber a vantagem em trabalhar com a universidade. Isto é um processo que se vai fazendo pouco a pouco. Portugal está na cauda da evolução tecnológica na União Europeia, o que faz com que tenhamos baixa produtividade, e isso acontece porque não temos inovação, porque nós trabalhamos na cadeia de valor que é a produção e falta a parte da inovação. A universidade pode ajudar muitas empresas a introduzir inovação no mercado, só que as empresas têm de estar vocacionadas para isso, e o país não tem essa estratégia.

“

É fundamental ter como missão, além de ensinar e investigar, tentar que esse conhecimento chegue à sociedade,”

ENTREVISTA / Mário Raposo



“Não tenho vocação autárquica”



ANA RIBEIRO RODRIGUES

A UBI pode ter um papel mais influente na região, ou em que é que a região pode contribuir mais para a UBI?

Há muita colaboração, mas podia ser maior. É necessário, mas por vezes a procura por parte das empresas esbarra em a universidade não poder ir mais longe, porque não tem recursos humanos para isso, e voltamos à questão do financiamento. Apesar de termos muitas relações e cooperação com muitos setores, poderíamos ir mais longe.

Quais são as grandes prioridades que tem até ao final do mandato?

A prioridade muitas vezes muda de acordo com as exigências do Governo. Neste momento estamos envolvidos na necessidade da avaliação institucional e temos de estar preparados internamente. Queremos modernizar a universidade para dar melhor resposta às exigências de reporte aos projectos dos nossos investigadores, permitir a abertura de quadros na carreira dos docentes, para que se sintam motivados, concluir a recuperação das residências e dos edifícios do polo IV. É um desafio conseguir concluir tudo isto nos próximos dois anos.

Um papel na política autárquica atrai-o?

Não, não me atrai. De facto, não tenho vocação autárquica. Tive uma curta passagem numa Junta de Freguesia quando estive fora da reitoria e não é área que me atraia. A política tem outros atores, idiossincrasias e eu não me revejo na vida autárquica nem política nenhuma. Eu não estou ligado a nenhuma força política, nunca estive, sempre fui independente e continuo com a minha independência, porque a liberdade de pensamento vale mais do que tudo. Não me vejo, neste momento, envolvido em nada relacionado com autarquias nem com política absolutamente nenhuma, até



“A UBI é a melhor instituição de ensino em Portugal para estudar,”

porque eu acho que é preciso ter coragem para ir para a política e acho que os políticos são muito mal pagos em Portugal.

E no futuro, se estivessem reunidas as condições para uma candidatura autárquica?

Não. Para mim, está fora de questão. Não tenho interesse nenhum em envolver-me em nada autárquico.

O que diria a um candidato ao ensino superior para que escolha a UBI?

A UBI é a melhor instituição de ensino em Portugal para estudar, na medida em que reúne todas as condições de que o aluno precisa. Por um lado, tem um ensino de qualidade, por outro, tem um nível de vida na cidade muito económico comparado com outras cidades, tem um nível de segurança que outras cidades não permitem, aqui respira-se ar puro e saudável. Tudo isto faz com que seja o local ideal. A UBI dispõe das melhores facilidades no sentido de os alunos desenvolverem o seu nível de estudos, tem abertas 24 horas por dia as suas instalações e permite um ambiente contínuo de estudo.



ANA RIBEIRO RODRIGUES

BELMONTE

ÁGUA CORTADA EM 206 CONTADORES

Empresa responsável pela cobrança de água aponta para uma dívida global, dos munícipes, de 198 mil euros. Serviços já emitiram 206 ordens para corte do abastecimento

JOÃO ALVES

A Câmara de Belmonte prepara-se para cortar o abastecimento de água em 206 contadores de munícipes que não pagaram a respectiva factura. O número foi revelado pelo presidente da Câmara, António Dias Rocha, na última sessão da Assembleia Municipal.

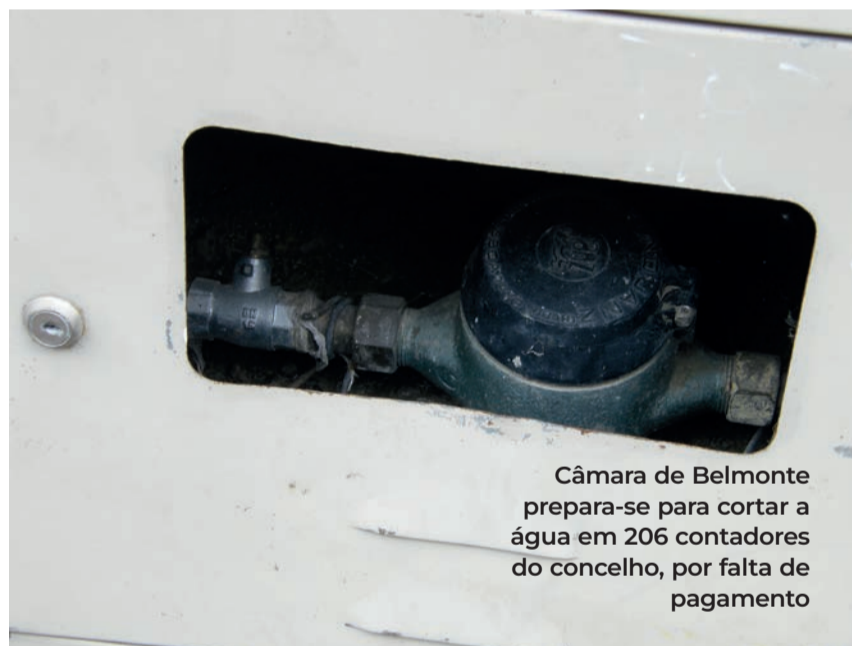
Segundo o autarca, já estão impressas 206 ordens de serviço para corte do abastecimento de água. “Lamentamos profundamente” diz o autarca, revelando que nestes casos “não há outra solução”.

Questionado pela deputada do PS, Patrícia Eusébio, sobre o ponto de situação em relação a facturação que estava em atraso, por parte de munícipes, Dias Rocha revelou que foram enviados 1310 avisos de corte de água por dívida no valor de 198 mil euros.

Os dados constam do relatório entregue na passada semana à Câmara pela empresa responsável pela cobrança da água no concelho, a Aquália, que revela que foram cobrados pouco mais de 25 mil euros, o que corresponde a 12,85 por cento da dívida total.

“O ponto da situação não é famoso” afirma o autarca, que aponta para um encaixe previsível de cerca de 50 mil euros, ou seja, a quarta parte do que está em dívida. “Vamos ver o que vai dar, mas vamos começar a ser mais rigorosos” promete o presidente da Câmara de Belmonte.

Recorde-se que o autarca, em Janeiro, numa reunião pública do executivo, tinha avisado que a partir do mês seguinte quem não pagasse a respectiva factura veria o seu serviço ser interrompido. “Quem não pagar a



Câmara de Belmonte prepara-se para cortar a água em 206 contadores do concelho, por falta de pagamento

água, é-lhe cortada. Só em Belmonte é que isto acontece, as pessoas não pagarem e continuam com o serviço” dizia Dias Rocha.

Durante a reunião, o vereador da CDU, Carlos Afonso, mostrava também a sua preocupação com o facto de muitos munícipes estarem a receber cartas, com aviso de corte, de facturas que não terão pago, mas lembrava que em muitos casos havia débito directo, que não foi feito, e que muitas dessas contas já prescreveram, pedindo um melhor trabalho no que toca à cobrança. “É um problema que me preocupa, a mim e a todos. Grave. Muitos dos devedores já regularizaram, outros desconheciam que deviam. Será que a Aquália está a prestar um bom serviço ou será apenas relaxo dos munícipes” perguntava o vereador. Que

propôs que se fizesse tábua zero do que estava para trás, nos casos que prescreveram, e a partir desse mês, “logo que as pessoas devam, corta-se o serviço” Carlos Afonso aconselhou ainda a maioria a “rever” o serviço que é prestado pela empresa, nomeadamente no que diz respeito à facturação. Recorde-se que já em sessões anteriores, o autarca belmontense tinha acusado alguns consumidores do concelho não cumprirem com a sua obrigação de pagarem a factura da água, pelo que, no futuro, o preço teria que aumentar e os incumpridores veriam a água ser cortada. “Temos das águas mais baratas do País e as pessoas não pagam. Isto é ridículo. Vou aumentar o preço da água, porque é inevitável, e vou obrigar ao corte da água para as pessoas que não pagam” disse então Dias Rocha.

ESCOLA DO “BENFICA COVA DA BEIRA” FOI “UM FLOP”

Um “conto do vigário do mesmo narrador de várias histórias”. É esta a opinião do deputado do PSD na Assembleia Municipal de Belmonte, Acácio Dias, sobre o projecto da Escola de Futebol do “Benfica Cova da Beira”, que se iniciou em Setembro do ano passado, mas que passado meio ano caiu por terra. Tratou-se de “um flop”, algo que “nem chegou a ser um nado morto”, afirma.

Carlos Gomes, deputado “laranja”, questionou o presidente da Câmara, Dias Rocha, sobre o arranque da escola sem sequer haver um protocolo assinado, acusando quer o vereador independente André Reis (que esteve na génese da criação da escola), quer o próprio Dias Rocha de serem responsáveis por “um falhanço”. “O concelho fica com a sua imagem ainda mais desgastada” acusa.

Na última reunião pública do executivo, em Fevereiro, foi anunciado o fim do projecto que unia o Benfica aos escalões de formação da União Desportiva de Belmonte (UDB). Dias Rocha dizia não estar preocupado pois “não assinámos nenhum protocolo” e que fez “o que tinha que fazer”, voltando o futebol de formação a ser assumido, como anteriormente, pelo clube da terra com a ajuda dos pais. “As coisas não correram bem” assumiu o autarca. “Lamento que a coisa não se tenha resolvido, aconteceu. Mas não vem mal ao mundo, nem às crianças” garante o autarca belmontense.

O projecto da Escola de Futebol “Benfica Cova da Beira” foi apresentado publicamente em Agosto passado e passou a gerir o futebol de formação do clube parceiro, UDB, que agora volta a ficar só nessa tarefa. Isto depois dos pais dos atletas terem reunido com a autarquia, mostrando o seu descontentamento pelo desenrolar do projecto, dizendo terem sido defraudados nas expectativas criadas.

André Reis frisava que associar uma marca internacionalmente conhecida como o Benfica ao município “é algo que não podemos desperdiçar. Tem tudo para dar certo” assegurava o vereador.

O NC pediu, por escrito, alguns esclarecimentos sobre esta escola ao departamento de formação do Sport Lisboa e Benfica, mas até ao momento não obteve qualquer resposta.

João Alves



Escalões de formação da UDB voltam a funcionar, seis meses depois, de forma autónoma

MANTEIGAS

“JUNTOS
PODEMOS
CONQUISTAR”



“Este é o momento de arregaçar as mangas pelo futuro da nossa terra” afirma Flávio Massano

“Ser Manteigas é saber receber, dar o que temos e o que não temos para que o outro se sintam bem.”

JOÃO ALVES

O presidente da Câmara de Manteigas, Flávio Massano, apelou no passado sábado, 4 de Março (Dia do Concelho) à união de todos os manteigueses em prol de um futuro melhor, de um concelho mais próspero e desenvolvido. “Deveríamos recuperar todos o nosso orgulho em ser Manteigas e acreditar que juntos podemos conquistar um futuro melhor” disse o jovem autarca.

Num discurso emotivo, Flávio Massano recordou parte da sua infância no coração da Serra da Estrela, não deixando em claro o tema da desertificação. “Foi aqui, nestas velhinhas casas que hoje vão ficando vazias e despedidas de pessoas, que as vão abandonando não por vontade própria, mas por força da idade ou da implacável hora da morte, que ficarão para sempre guardadas as mais belas memórias do que é ser Manteigas.” O autarca lembrou que “a nossa terra é única, singular, ímpar”, recordou as árvores “que no último ano nos foram tiradas, através das chamas que não levaram tudo, mas levaram uma boa parte de nós”, mas venceu

a capacidade de resistência do povo. “Sobrevivemos. E também isso é ser Manteigas. Sobreviver, resistir, lutar. Ir buscar forças e poderes que julgávamos não possuir e desconhecíamos. Somos um povo resiliente, duro, orgulhoso. Mas também temos coração mole, puro e honesto. Ser Manteigas é saber receber, dar o que temos e o que não temos para que o outro se sintam bem e se sintam em casa. Ser Manteigas é sair de cá sem nunca Manteigas sair de nós” frisa.

Flávio Massano apelou à união. “Hoje, preferimos a indiferença pelo próximo e pelo vizinho, ao invés de batermos à sua porta e perguntarmos: o que precisas? Perdemos, de facto, uma boa parte da união, da simplicidade e da ligação entre nós. Estamos próximos sem estar. Somos comunidade sem o ser verdadeiramente. Que vida é esta onde cada um cuida do que é seu e não cuida do que é de todos? Que vida é esta em que deixámos de contribuir para o bem-estar colectivo” pergunta o autarca, recusando este cenário. “Não sei que vida é esta. Mas sei que me entristece profundamente imaginar uma comunidade que não acredita que é possível unirmo-nos e

deixarmos de ser a vítima para passarmos a ser o caso de sucesso que sei que podemos ser. Esta é uma vida que eu não quero e que não serve os desígnios de uma comunidade que vence e ultrapassa as dificuldades dos tempos. Esta é uma forma de estar que não defende os interesses de Manteigas.”

Por isso, apelou à recuperação do orgulho próprio. “O dia 4 de Março é o dia em que conto convosco para fazermos Manteigas outra vez. É o dia certo e ideal para lutarmos pelo que é nosso, pelo que será dos nossos filhos e dos nossos netos. Que orgulho tenho eu em ter e ser Manteigas” venceu. “Um dia mais tarde espero que nos recordem como a geração que deixou o conforto da casa grande e regressou aos dias em que da humildade das casas pequenas brotava um espírito indomável e inabalável de fazer e construir Manteigas” afirma o presidente da Câmara, que anunciou a vinda de um

“empresário de sucesso” que irá “investir em Manteigas”, não deixando, no entanto, qual a área de negócio em causa.

Pela Assembleia Municipal, a segunda secretária, Inês Carvalho, lembrou as contrariedades dos últimos anos para o concelho (pandemia, guerra, incêndios). “É nestas alturas que temos de ser diferentes para enfrentar os problemas”, enaltecendo a capacidade quer dos empresários locais, quer da população em geral para “continuar a construir este concelho”.

A Câmara de Manteigas distinguiu neste dia, com grau ouro, o ex-presidente de Câmara, Albino Leitão (83/94). “Vivo Manteigas por dentro e por fora. Tal como disse o nosso presidente, não se pode ter sucesso sem a união de todos, e eu tive essa sorte em Manteigas. Tenho a certeza que esta geração fará com que Manteigas tenha futuro” disse o antigo autarca.

Além dele, a autarquia distinguiu com o grau prata a Associação Cultural dos Amigos da Serra da Estrela (ASE), Associação Desportiva de Manteigas, Grupo Desportivo de Sameiro, a Pensão Estrela, o ciclista Francisco Moreira, o artesão João Leitão e a título póstumo, António Gabriel Martins Abrantes, conhecido por “Milo” (que esteve na génese da criação da AFACIDASE). Além destes, foram distinguidos com o grau prata por bons serviços e dedicação, os funcionários do município, José Luís Costa e João Albino Carvalhinho.

FUNDÃO



ANA RIBEIRO RODRIGUES

“A BEIRA NÃO SE COMPREENDE”

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Notícias da Covilhã - Dos erros que aponta a evitar numa eleição, quais destacaria?

Luís Paixão Martins - Muitas campanhas são pensadas nos eleitores que já decidiram votar na proposta. Esse é o pior erro, porque muitas vezes as campanhas funcionam em circuito fechado e quem acaba por organizar as campanhas são pessoas do mesmo círculo do candidato e acabam por falar para os mesmos eleitores

Nas legislativas é importante a marca do partido, nas presidenciais a pessoa. E nas autárquicas, qual a preponderância?

Nas autárquicas é mais difícil ser tão peremptório. Como são tão diferentes umas das outras, há casos em que é importante a marca do partido e casos em que é importante a marca pessoal. Nas campanhas autárquicas das áreas metropolitanas de Lisboa ou do Porto os eleitores votam essencialmente como se fosse uma eleição nacional. Nas autarquias em que há maior proximidade entre o eleito e os eleitores, a figura da personalidade é mais relevante do que a figura do partido. Não é fácil fazer uma orientação a nível nacional, porque elas variam muito umas das outras. Nas autárquicas temos uma mistura entre dois conceitos, consoante a autarquia.

E nos territórios do Interior?

Neste tipo de localizações, a marca pessoal é muito importante. Tem de ser uma pessoa

que já tenha alguma notoriedade que decorra da actividade política ou de outras actividades. Tem de ter notoriedade e não é uma qualquer notoriedade. Para ser presidente de uma câmara municipal tem de ser uma notoriedade associada a um papel cívico. Tem de ter uma actividade cívica que ajude a mobilizar os eleitores e que as pessoas reconheçam nele um líder político.

Diz que não dá conselhos políticos, identifica grupos de eleitores a conquistar. Quando se planeia uma campanha, qual é o enquadramento dado ao Interior, onde há poucos eleitores e poucos mandatos?

Não há essa distinção. Há uma segmentação, uma divisão de públicos que tem que ver com outros critérios que não esse. É evidente que há uma questão relevante, que é o número de deputados que cada círculo eleitoral apresenta, e por isso é natural que as campanhas se preocupem mais com círculos eleitorais com mais eleitores do que com círculos eleitorais com menos eleitores e onde, pelo facto de serem poucos, a mobilidade entre partidos é muito pequena. É natural que o esforço que as campanhas fazem seja maior nos círculos eleitorais com mais deputados do que naqueles que têm menos deputados.

Enquanto consultor de comunicação, o que recomendaria para melhorar a vida do cidadão comum da região? Que estratégia de spin?

Acho que o Estado não tem já grande papel a fazer no Interior do país. O nosso Interior está bem-dotado das ferramentas que o Estado tem para apoiar as pessoas e as empresas. O problema é de escala, não acho que seja um problema de marketing e de comunicação.

O que pode ser feito na região para que as assimetrias regionais se amenizem?

Do ponto de vista político, não há outra maneira de dar uma projeção maior ao Interior a não ser aumentar a representação de deputados, e essa representação de deputados só tem mais relevância se juntarem círculos eleitorais. É isto que ninguém quer ouvir. Também acho que a regionalização, que está meio em vias de ser concretizada, vai ajudar a resolver alguns problemas.

Parece-lhe que a voz da Beira Interior tem suficiente eco junto dos centros de decisão?

Logo aí é um problema. Enquanto o Alentejo ou o Algarve são coisas que se compreendem, há regiões do país que não se compreendem. Uma delas é a Beira. É a Beira Interior, é a Beira Litoral, é a Beira Alta e a Beira Baixa e isso é muito difícil.

É preciso definir uma identidade e trabalhar no sentido de cultivar a expressão pública dessa identidade. Isso não existe e torna difícil a afirmação do território. Não é um problema de afirmação, é um problema de definição da identidade.

PERFIL

Autor do livro “Como Perder Uma Eleição”, o consultor de comunicação Luís Paixão Martins, 69 anos, esteve envolvido nas maiorias absolutas de Cavaco Silva nas Presidenciais e de José Sócrates e António Costa. Aposentou-se e passou a dividir a vida entre Lisboa e uma localidade em Monfortinho, Idanha-a-Nova, onde a mulher tem raízes, e explora uma herdade com actividade nas áreas florestal e turística

O QUE VEM À REDE



AI WEIWEI



■ “Com 46 anos de descontos um conhecido meteu, em Dezembro de 2021, o pedido de reforma. Estamos em Março de 2023. O tempo de desconto já passou os 47 anos e a reforma não aparece. Funcionam assim os serviços públicos em Portugal; incompetência e falta de respeito. É miserável!”

Rui Rio, Economista in Twitter.



■ “A música faz-nos mais humanos”
Como os sons mágicos da música iluminam o nosso cérebro

Matéria na National Geographic, edição impressa de Março 23



■ O CANTO DAS MULHERES
_ Roda de Conversa c/ Renata Ferraz
Venha Cantar Connosco
Quarta-feira, 15, de Março às 18h.

Coolabora CRL convida in Evento no Facebook

P

“A liberdade que não é exercida, não é uma verdadeira liberdade, mas grilhetas. O poder que não é reconhecido não é poder, mas apenas uma dádiva temporária.”

Editorial de Ai Weiwei in Público, em Director por um dia.

**VOZES DO POVO
AQUI CHEGAM AO SEU**

SERRA “PRECISA” DE BOLSAS DE ESTACIONAMENTO



Acompanhe-nos on-line:
www.noticiasdacovilha.pt

NOTÍCIAS DA COVILHÃ



ENSINO

Município e oposição
defendem bolsas
de estacionamento
na Serra da Estrela

“Do que mais se destaca neste texto, é que o responsável máximo da proteção civil se descarta de qualquer responsabilidade se houver um acidente”

→ José Pedro

“Há outros aspectos mais importantes que deveriam ser tratados se queremos dar uma boa imagem da Serra a quem a visita”

→ Gonçalo Poço

“Quem vem à Serra e entra ou sai pela Covilhã depara-se com as artérias principais, dentro da cidade, cheias de buracos. É uma vergonha o estado lamentável destas artérias”

→ Carlos Poeta

OPINIÃO

“JUNTOS VAMOS MAIS LONGE”

PEDRO SEIXO RODRIGUES
ARQUITECTO

Para quem visita a Covilhã, sobretudo quem percorre a pé a zona histórica da cidade, é quase certo que se irá deparar com alguma referência ao Notícias da Covilhã. Seja pela placa de toponímia ou pelo reclame que ilumina todas as noites a “sua” rua, a ligação entre esta zona e este semanário já vem de há mais de um século, mais precisamente 110 anos. Nas suas páginas está documentada a memória da “cidade fábrica”, o apogeu da indústria dos lanifícios, bem como o seu posterior declínio.

Mas também aí podemos encontrar a reinvenção e transição para cidade do conhecimento.

Foram décadas de existência em que o Notícias da Covilhã testemunhou e noticiou a história não apenas da cidade, mas igualmente do concelho e restante região. Ao longo de todo este tempo as transformações foram mais que muitas, quer do ponto de vista social, económico e cultural, tendo este território aprendido a tornar-se cada vez mais resistente e resiliente. Provavelmente o lema “o que não nos derruba, torna-nos mais fortes” tenha estado sempre presente, ainda que de forma inconsciente, na mente dos que aqui habitam.

Mas será que com a crise demográfica com que nos estamos a deparar, não se está a desvanecer este sentimento e autoestima?

Esta geografia, apelidada tantas vezes de Interior, necessita de pessoas, de novos cidadãos, para que todos, independentemente da sua origem, possamos continuar a planificar e construir o futuro deste território em conjunto.

O desafio é bastante exigente, mas como está escrito numa parede da cidade, “sozinhos vamos rápido, mas juntos vamos mais longe”.

Que este seja também o mote para o novo ciclo do Notícias da Covilhã que agora se (re)inicia.

ESTRELA: UMA PAISAGEM QUE TEM DE SER DIFERENTE

TÂNIA ARAÚJO*



Os terríveis incêndios de 2022 puseram novamente na ordem do dia o enorme desafio de tornar a Serra da Estrela mais resiliente aos grandes incêndios e de promover a sustentabilidade do seu património natural e cultural.

Este debate repete-se a cada novo incêndio, mas desta vez parece haver uma maior consciência da dimensão colossal do que há a fazer e da necessidade de criar uma paisagem mais sustentável. É neste ponto que pode residir a solução: um trabalho conjunto para “construir” uma paisagem mais resiliente e multifuncional, onde haja lugar para a conservação da natureza e para todas as actividades humanas que gerem o território de forma sustentável e permitem a preservação para as próximas gerações do património que torna a Serra da Estrela especial e única.

No fundo, é preciso desenvolver uma paisagem em mosaico e inteligente face aos incêndios, o que consiste em combinar de forma estratégica, espaços com diferentes funções - sociais (lazer, turismo, residenciais...); ecológicas (conservação de ecossistemas e da biodiversidade) e económicas (agricultura, pastorícia, florestas produtivas,...) - criando descontinuidade na paisagem para ser menos vulnerável aos super-incêndios, gerando rendimentos e fixando pessoas sem pôr em causa a sua segurança e os valores que caracterizam a Serra da Estrela e que levaram à sua classificação como Parque Natural.

Para os Guardiões, esta mudança tem que envolver as pessoas que estão no território, pois são elas que vão concretizar e manter esta nova possível paisagem. Aliás, muitos valores naturais da Serra da Estrela (como os cervunais) dependem de actividades humanas! Por isso, a nossa associação tem estado a desenvolver uma série de acções com este propósito, como é exemplo o projecto “Renascer de Dentro para Fora”, no âmbito do qual se estão a apoiar pequenos proprietários no desenvolvimento de experiências-piloto de gestão sustentável que possam inspirar outros.

***Guardiões da Serra da Estrela**



PEDRO SEIXO

DESPORTO

CICLISTA EM TERRA DE CESTEIROS



Aos 18 anos, Rafael Barbas é ciclista profissional do Tavfer/Mortágua, mas concilia a vertente desportiva aos estudos, já que é aluno de Ciências Biomédicas na UBI

JOÃO ALVES

Começou no BTT, há cerca de quatro anos, e há sensivelmente uma semana atrás já estava a correr, lado a lado, com nomes como o último vencedor da Volta a França, o dinamarquês Jonas Vingegaard, ou o português da Movistar, Rúben Guerreiro, já vencedor da camisola da montanha num Giro de Itália. “Por acaso, nesta altura, não imaginava que isso pudesse acontecer” reconhece o jovem Rafael Barbas, natural de Gonçalo (Guarda), localidade que fica paredes meias com Belmonte.

Aos 18 anos, já é profissional pela equipa do Tavfer/Mortágua, e na última semana de Fevereiro, correu pela primeira vez uma prova de quatro dias, na Galiza (O Gran Camino) lado a lado com alguns dos melhores nomes do ciclismo mundial. Ficou em 102º, entre 115 atletas que terminaram a dura prova (primeira etapa foi mesmo suspensa face ao frio e neve), mas acredita que num futuro próximo poderá continuar a fazê-lo. “No ano passado, vi o Vingegaard ganhar o Tour e achei incrível. Este ano já ter feito uma prova com ele, ao seu lado, foi brutal. É claro que o andamento é outro. Estamos a falar

de outro nível, o World Tour. E daquilo que é a vida deles” afirma Rafael, que além de ciclista, tem que conciliar os estudos, já que é aluno do primeiro ano do Curso de Ciências Biomédicas da UBI.

“Não é fácil conciliar as provas com os estudos. É extremamente difícil conciliar tudo, treinos e estudos. E sobretudo a parte do descanso, pois quando estou a estudar, não estou a descansar. É o mais complicado, mas até agora tenho conseguido. Estou em Ciências Biomédicas a fazer algumas cadeiras para tentar trocar. A ideia é medicina. Vou ver se consigo. Pode ser que um dia até possa trabalhar nesta área do ciclismo em termos médicos. Era cinco estrelas” afirma o jovem de Gonçalo, terra conhecida como a capital da cestaria fina, face aos artesanatos existentes na arte de trabalhar o vime.

Rafael Barbas iniciou-se no ciclismo através do BTT, como cadete, na escola do CCDR Colmeal da Torre. Depois de dois anos na modalidade, começou a “dar umas voltas na estrada” com amigos, tendo então surgido a oportunidade de correr pela Associação Cultural e Recreativa de Roriz, em Barcelos. “Foi muito por influência do João Matias,

Rafael Barbas começou há quatro anos no BTT. Dois anos depois, iniciou-se no ciclismo de estrada e hoje já corre ao lado dos melhores ciclistas mundiais

e do pai, fundador da equipa (com ligações a Belmonte). Fiz aí dois anos de juniores, fui à selecção nacional, e foi aí que surgiu esta oportunidade de passar a profissional” conta Rafael, que diz que até agora, a experiência está a “superar as expectativas”. “Estou a adaptar-me bem. Eles estão a gostar de mim, estão satisfeitos com o meu trabalho e desempenho, e eu com eles. Estou a evoluir, que é o mais importante” garante o jovem gonçalense, que não esperava um salto tão grande após apenas dois anos de ciclismo de estrada. “Eu saltei de júnior para as provas profissionais. O meu escalão de sub-23 praticamente não existiu, o que acaba por ser

o reconhecimento de algum valor” afirma.

Para um jovem do Interior, afirma Rafael, entrar na alta roda do ciclismo nacional e mundial não é fácil, mas “há sempre gente atenta a nós, apesar de estarmos numa região em que não há equipas de estrada ou quem invista no ciclismo. Se quis competir, tive que ir para Barcelos. Mas há gente que gosta do ciclismo e olha para cá.”

Com os pais a apoiarem agora muito mais este amor de Rafael pelas bicicletas, a meta, de futuro, é “fazer uma daquelas subidas do Gran Camino com o Vingegaard. Estar lá, com os melhores do mundo. Fazer as grandes provas do ciclismo mundial e bater-me, de igual para igual. Estou a ver-me a correr um Tour, Giro ou Vuelta. Vamos ver se consigo daqui a uns anos dar o salto lá para fora e quem sabe fazer essas provas” afirma, ambicioso, o jovem gonçalense, sem tirar “os pés do chão”. Para já, é ver “como vou andar, bem ou não. Este ano vou fazer alguns grandes prémios, por cá, Portugal, e mais uma ou duas provas lá fora, se tudo correr bem. Volta a Portugal este ano? Quem sabe... Se estiver a andar bem, quem sabe. Se depositarem confiança em mim, porque não?” diz Rafael Barbas.

DESPORTO

ATLETAS DA ADE COLECCIONAM CADERNETA DE VALORES

ANA RIBEIRO RODRIGUES

Quando está em campo e vê pais a dirigirem-se ao árbitro em termos menos próprios, ou a interferirem onde não lhes compete, Simão Passarinha, 12 anos, lateral dos infantis da Associação Desportiva da Estação (ADE), sente “vergonha” e manifesta-se aliviado por os seus não o fazerem “sentir esse incómodo”, mas todos os jogadores já presenciaram comportamentos anti-desportivos.

Para “regular comportamentos inadequados”, tanto de pais como de atletas e treinadores, o clube covilhanense criou a Caderneta da Ética, onde é proposto “coleccionar boas práticas”, através da atribuição de selos verdes quando as atitudes dos pais e jogadores promovam valores éticos, e autocolantes vermelhos em caso contrário, embora tal não tenha ainda acontecido, uma vez que o que se pretende é chamar a atenção e “agir preventivamente”, sublinha Albertino Figueiredo, vice-presidente da colectividade.

Ainda com as luvas amarelas nas mãos, após mais um treino, o guarda-redes Santiago Gomes, de 11 anos, nota que, por todos os campos, “há certos pais que criticam muito os filhos”, se querem substituir ao treinador ou se insurgem constantemente, o que lhe “faz impressão”, e recomenda o seu método para gerir as emoções.

“Às vezes também me sinto injustiçado e tento manter a calma, costumo contar até dez, para que as consequências não sejam piores”, conta Santiago, com a serenidade que nem sempre observa em espaços que deviam ser de lazer.

Albertino Figueiredo, dirigente de um clube por onde passam centenas de crianças no futebol, explica terem a Caderneta da Ética implementada dos traquinas aos infantis, por a logística não ter permitido alargar aos mais velhos, e ser importante começar a inculcar esse espírito nos mais novos.

A intenção foi “envolver os pais”, na perspectiva de que a Caderneta possa “ser uma ajuda para os consciencializar”. No segundo ano do projecto, no início da época foram feitas reuniões com pais e estrutura, a alertar que ninguém no clube pode ser incentivador de situações



Caderneta da Ética dá dicas aos pais e atribui selos por comportamentos de desportivismo

menos próprias.

“Existe uma cultura enraizada e não podemos dizer que nunca acontece, mas podemos passar a mensagem, monitorizar, evitar que os jovens sejam influenciados negativamente e contribuir para a mudança”, frisa Albertino Figueiredo.

Sentada na bancada a assistir ao treino dos dois filhos, Filipa Anastácio, 38 anos, já observou, em jogos, pais a incentivar filhos a magoar o adversário ou a dirigir impropérios ao árbitro e elogia a iniciativa da ADE. “É importante o que os pais transmitem aos filhos, e alguns pais não se sabem comportar”, lamenta.

“Nestas idades, o que devemos fazer é apenas incentivar, e não os pressionar. Este projecto obriga os pais a serem mais vigilantes consigo próprios. Não devia ser necessário uma caderneta para isso, mas pode

ser dissuasor, levar a pensar duas vezes quem tem tendência a não se controlar”, considera Paulo Fonseca, de 40 anos.

Ana Almeida, 39 anos, diz só se manifestar “se for para incentivar”, embora observe “pais mais eufóricos” e acredita que a Caderneta, onde constam dez dicas para os educadores cumprirem, “reforça os bons comportamentos”.

São vários os que admitem já terem errado, não se orgulharem e acharem indecoroso verem pais a provocarem miúdos da outra equipa, como aconteceu recentemente num concelho próximo, onde os jogadores foram cuspidos e insultados, embora os palavrões sejam o mais comum, relata Marco Lourenço, de 49 anos.

“É o não saber estar no desporto. O futebol profissional é um negócio. Aqui, ainda é um desporto, mas o

exemplo tem de vir de cima, e isso não acontece”, enfatiza Marco Lourenço. Uma opinião partilhada por Rui Lino, de 43 anos. “Os jogadores profissionais são modelos. Eles não seleccionam só o que os ídolos fazem de bem, também despertam o que é incorrecto”, observa, embora ressalve a “camaradagem entre os miúdos”.

O mais habitual são os excessos virem das bancadas. Um cenário que se agrava, na opinião de Paulo Silva, de 49 anos, em alguns pais que notam que o filho “tem alguma habilidade” e se destaca. “Eles gostam de ver os pais, mas não a interferirem”, vinca.

Se a Caderneta da Ética ajudar a mudar mentalidades, mesmo dos pais que “acham que os filhos são todos Ronaldos”, e incentive às boas práticas, a ADE terá conseguido muito mais do que uma vitória, reforça o coordenador do projecto.

GUIA

AGENDA

“AO PÉ” NA GALERIA ANTÓNIO LOPES

■ Até 29 de Abril pode visitar a exposição “Ao Pé”, da autoria da escultora Isabel Azerêdo e do designer Pedro Lunta.

→ Galeria António Lopes, de terça a domingo, das 10 às 18:00.



LUÍS CASTRO LOPO NO MUSEU

■ Estão patentes cerca de 20 telas do pintor Luís Castro Lopo. O realismo presente na temática da sua pintura gira em torno da natureza morta e da arte figurativa.

→ Museu de Arte Sacra, até 11 de Abril.

A NÃO PERDER

“O CÉU NÃO LHES RESPONDE”



11
MAR.

21:30H
TMC
Teatro

■ A companhia de teatro ESTE – Estação Teatral apresenta no sábado, 11, pelas 21 horas e 30, no Teatro Municipal da Covilhã (TMC~), “O Céu não Lhes Responde”. A peça conta com encenação e dramaturgia de Tiago Poiares, em co-criação com os actores Joana Poejo e Samuel Querido. “O Céu não Lhes Responde” relata o percurso de duas personagens,

Saeed Karim e Narine Mossadegh, dois refugiados oriundos de países distintos e imaginários que tentam atravessar o mar para o lado de lá em busca de uma oportunidade. “Ninguém deixa a sua terra de ânimo leve, mas noutra país é possível recomeçar. Saeed e Narine não desistem, procuram trabalho, procuram retribuir e integrar-se num país diferente”.

CONCURSO



BANDA “CAÇA” JOVENS TALENTOS

■ Estão abertas inscrições para o III Concurso Internacional de Jovens Talentos de Sopros e Percussão, em formato online. Segundo a Banda, o objectivo é “promover o trabalho de centenas de crianças.” As candidaturas podem ser submetidas até dia 22 de Maio e os vencedores serão anunciados no dia 1 de Junho, Dia Mundial da Criança. A iniciativa é para crianças e jovens até aos 14 anos. Serão atribuídos três prémios em cada categoria. Os primeiros classificados terão a oportunidade de tocar a solo com a Banda da Covilhã.
→ Banda da Covilhã, Maio e Junho

EM CENA

TEATRO DAS BEIRAS APRESENTA “AI, QUE SUSTO”

■ Até amanhã, sexta-feira, 10 de Março, o Teatro das Beiras ainda tem agendadas sessões para as escolas da sua mais recente produção, “Ai, que susto!”, encenada por José Carretas, estreada no passado dia 1 e dirigida ao público infanto-juvenil.

“Ai, que susto!” é um espectáculo centrado nos receios, fobias e em tudo aquilo que assusta na fase da infância.

A peça é interpretada por Bernardo Sarmento, Flora Miranda, Leonor Wellenkamp Carretas, Paulo Monteiro e Sílvia Morais. Com a duração de 60 minutos, o espectáculo destina-se a maiores de seis anos. O preço para as escolas é um euro.



PAÍS E O MUNDO

E O AMOR...

E o amor é então todo o longínquo
ardor? O à espera eterno e a solidão
que nele nasce e dele vai até
mais não ser que o relembrar anterior?

Ah, mas se o amor fosse tudo em si...
A lágrima e o riso, o verbo e a carne,
se o amor sonhasse na claridade
e sem ela não fosse um maior sonho...

Aí vem a névoa, aí vem o sopro
da vida a levantar o dolorido
princípio sem fim do talvez, do quase...

E o amor é então todo o longínquo
ardor, o eterno à espera e a solidão
que nele nasce e morre, nasce e morre.

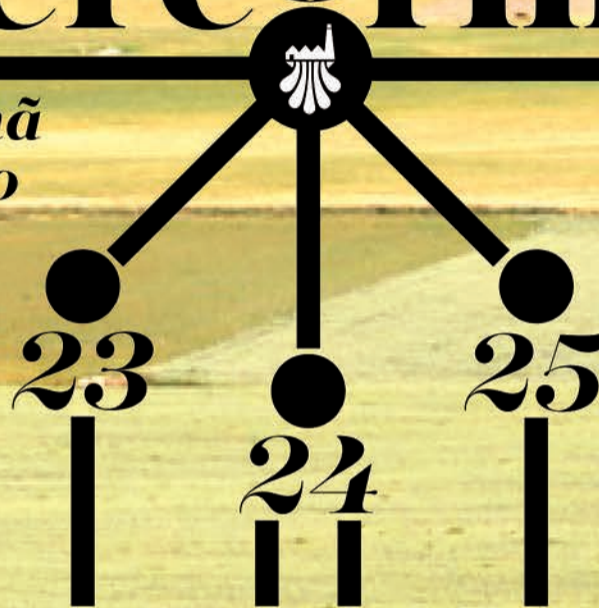
António Salvado, in "Recôndito"

PUBLICIDADE

Federação Portuguesa do Caminho de Santiago
Fórum Internacional do Peregrino de Santiago

I Fórum Peregrino

covilhã
março
2023



Ação de Formação Fórum do Peregrino

congressistas internacionais
associações jacobeanas ibéricas
formação certificada

programa . inscrições



Cultural route
of the Council of Europe
Itinéraire culturel
du Conseil de l'Europe

